

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

AMANDA DOS SANTOS FRANCISCO

**AS MULHERES DE MARIANA**  
**A NARRATIVA JORNALÍSTICA NO REGISTRO COTIDIANO DO LUGAR**  
**FEMININO**

Produto Jornalístico

Mariana

2018

AMANDA DOS SANTOS FRANCISCO

**AS MULHERES DE MARIANA**  
**A NARRATIVA JORNALÍSTICA NO REGISTRO COTIDIANO DO LUGAR**  
**FEMININO**

Memorial descritivo do produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hila Bernadete Silva Rodrigues

Mariana

2018

F819m Francisco, Amanda dos Santos.  
As mulheres de Mariana. [manuscrito]: a narrativa jornalística no registro cotidiano do lugar feminino / Amanda dos Santos Francisco. - 2018.

27f.: Acompanha um livro eletrônico.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Hila Bernadete Silva Rodrigues.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Mulheres - Mariana (MG) - Teses. 2. Mulheres - Entrevistas - Teses. 3. Entrevista - Teses. 4. Reportagem - Teses. I. Rodrigues, Hila Bernadete Silva. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 364.65-055.2(81)

Catálogo: [ficha.sisbin@ufop.edu.br](mailto:ficha.sisbin@ufop.edu.br)

Amanda dos Santos Francisco

Curso de Jornalismo – UFOP

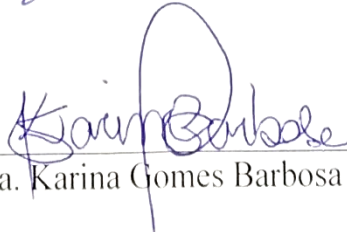
ELAS MORAM EM MARIANA –  
A NARRATIVA JORNALÍSTICA NO REGISTRO COTIDIANO DO LUGAR  
FEMININO

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Hila Rodrigues.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Hila Rodrigues



Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa



Profa. Dra. Michele da Silva Tavares

Mariana, 22 de novembro de 2018.

Dedico este trabalho a todas as mulheres da minha vida. Minhas avós Dona Santa e Dona Cícera (em memória), minhas tias Maria e Eliene, e a mulher que me criou e tornou-se minha mãe, Angelice Maria dos Santos Francisco.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, quero agradecer a Deus por estar presente todas as vezes em que eu pensei não ser possível seguir em frente.

Quero agradecer, todos os dias, aos meus pais, Josué Francisco e Angelice Francisco, por dedicarem suas vidas a mim, me apoiarem e me amarem tanto.

Quero agradecer a toda a minha família, que admirou a minha luta e compreendeu as minhas ausências.

Preciso agradecer a todos os meus amigos do Cursinho Popular Prestes Vestibulares, em especial aos professores Jonas Ferreira, Daiane Guimarães, Rodrigo Gonçalves, Silvio Izidro, Anderson Tintino e Suelen Igreja, por terem acreditado que a educação é um instrumento de transformação.

Quero agradecer aos meus grandes amigos que levarei da universidade para a vida toda: João Carlos Reis, Dâmaris Starling, Hélio Rodrigues e Wilhelm Rodrigues.

Quero agradecer a minha professora e orientadora Hila Rodrigues, por toda paciência e por ter me instigado a ser jornalista e me passado os valores da profissão.

Quero agradecer as minhas queridas personagens e mulheres das quais me tornei grande admiradora, Marciele Delduque, Célia Nunes e Juracy Oliveira (em memória). A elas, o meu muito obrigada.

Quero agradecer à cidade de Mariana e à Universidade Federal de Ouro Preto, que, apesar dos percalços da vida, me acolheram tão bem e me trouxeram as vivências, das quais eu jamais me esquecerei.

Por último, e não menos importante, agradeço ao ex. Presidente Luiz Inácio Lula da Silva por tornar mais acessível o ensino superior para os negros e negras e estudantes de escolas públicas.

Agradeço a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, o meu muito obrigada!

## **RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso se propõe a realizar uma pesquisa de dados e informações sobre o município de Mariana, localizado no estado de Minas Gerais. Para assim somar às histórias das três personagens, especificamente do gênero feminino, que viveram neste lugar, e que se propuseram a ser entrevistadas e contribuir com o objetivo final deste projeto. O qual se dedica a mostrar o olhar e a relação dessas mulheres com a cidade, e resulta a partir deste processo dar forma ao livro-reportagem denominado, “Ela mora em Mariana” e que será a conclusão e o registro desta empreitada.

**Palavra-chave:** Mariana, Mulheres, Entrevista, Livro-Reportagem

## **ABSTRACT**

This work of conclusion of course is proposed to carry out a research of data and information about the municipality of Mariana, located in the state of Minas Gerais. Therefore, to add to the stories of the three characters, specifically the female, who lived in this place, and who set out to be interviewed and contribute to the ultimate goal of this project. It is dedicated to show the look and the relationship of these women with the city, and it is from this process to give shape to the book called "She lives in Mariana" and that will be the conclusion and registration of this work.

**Keyword:** Mariana, Women, Interview, Interview-Book

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. O PRODUTO .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Mariana e seus espaços .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Mariana e as pessoas .....</b>	<b>10</b>
<b>2.3 Mariana e o rompimento da barragem .....</b>	<b>11</b>
<b>3. A ESCOLHA DAS PERSONAGENS .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1. As questões de raça e gênero .....</b>	<b>12</b>
<b>3.2. Mariana mulher.....</b>	<b>13</b>
<b>4. PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA.....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 A busca pelas personagens .....</b>	<b>15</b>
<b>4.2 As entrevistadas.....</b>	<b>16</b>
<b>4.3 A técnica.....</b>	<b>17</b>
<b>4.4 Teoria e prática.....</b>	<b>22</b>
<b>5 PROJETO GRÁFICO .....</b>	<b>22</b>
<b>6 Considerações Finais.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>



*“Não pode ser seu amigo quem exige o seu silêncio  
ou atrapalha o seu crescimento.”*  
Alice Walker

## 1. INTRODUÇÃO

Este projeto tem por objetivo trabalhar a narrativa jornalística a partir da história do outro e, posteriormente, retribuir as vivências compartilhadas sobre o significado do que é morar, nascer ou tornar-se parte de Mariana, cidade localizada em Minas Gerais.

Falo de um lugar que me recebeu muito bem, e também a tantos outros turistas, visitantes, professores, alunos e alunas que, assim como eu, vieram de longe para tentar concluir os estudos, obter uma formação profissional, conseguir um emprego, descansar, mudar de vida e ver novos horizontes.

Lembro bem como foi a minha chegada em Mariana. Antes de colocar os pés aqui, sabia que seria um prazer morar nesta cidade. Mas, como em toda relação de amor, quem vem morar em Mariana supera, depois dos primeiros anos, o olhar de encanto. Enxergamos além do centro histórico, das paisagens naturais, dos pontos turísticos. Cada um que chega constrói o seu quadro sobre Mariana, a sua história.

Podemos enxergar a cidade por diversos ângulos, como um cubo. Existem aquelas pessoas que vêm atrás de emprego – parte desses são os chamados “peões” e, normalmente, trabalham nas grandes empresas de mineração, principal fonte de economia do município. Nas grandes casas e carros 4x4, reconhecemos os engenheiros – estes também vieram a serviço da mineração. Alguns ficam pouco tempo, outros trazem a família. Enquanto houver emprego, todos ficam na mesma cidade, porém em níveis sociais diferentes. Mas, em alguma hora do dia, todos se encontram na Praça Gomes Freire, o nosso mais que conhecido Jardim.

Os universitários costumam chegar de muitos lugares de Minas Gerais e de outros estados. Os marianenses chegam a estranhar, dizem nunca terem visto tantos paulistas e paulistanos nesse lugar. Após a implementação da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o Reuni, instituído pelo decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que já possuía um *campus* na cidade, pôde, a partir da demanda levantada, oferecer cinco novos cursos e inaugurar um novo *campus*. No Instituto de Ciências Humanas Sociais (ICHS), instalou-se o curso de Pedagogia, e, no novo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), em 2008, foram abertos os cursos de Administração, Ciências Econômicas, Jornalismo e Serviço Social.

Em média, isso representa, a cada semestre, 250 novos alunos e alunas em Mariana, o que estimula ainda mais o crescimento da população flutuante, constituída daquelas pessoas

que não vêm com o propósito de ficar e criar raízes. Algumas dessas pessoas permanecem na cidade por meses. Outras passam no mínimo quatro anos – como é o caso daquelas que decidem se matricular nos cursos de graduação. Elas ocupam as ruas e praças, movimentam o comércio e influenciam, assim como os empregados das grandes empresas, a especulação imobiliária. Além disso, criam laços e vivenciam histórias nesse lugar. Várias casas da cidade se transformam em repúblicas, outras em *kitnets* e, a cada começo de semestre, fica mais difícil encontrar apartamentos vagos próximos da universidade.

Alguns moradores se sentem incomodados com tanta gente nova no centro da cidade e optam por se mudar para bairros mais distantes. Mudam-se para a “roça”, que são as chácaras, os sítios e fazendas que quase todo morador mais antigo mantém em algum distrito ou subdistrito de Mariana para passar os fins de semana. Independentemente do tamanho dessas terras, eles sempre dizem que vão para a “roça” no fim de semana. Mas também há os moradores que, por dificuldades econômicas, são obrigados a subir os morros, os bairros mais altos e distantes da cidade, e iniciam as ocupações. Isso geralmente se dá devido ao aumento do aluguel, decorrente da grande procura por imóveis – resultado da chegada dessa nova população “temporária”.

Para os universitários, tudo é novo e velho ao mesmo tempo. A maioria dos estudantes estão acostumados com prédios, trânsito intenso nas ruas e avenidas, carros, ciclovias, metrô e crescimento desenfreado em busca de tecnologia. Eles trazem nas malas muitas expectativas sobre a faculdade: morar sozinho, longe das famílias, fazer novos amigos e descobrir como é morar em Mariana. Parte deles se desilude ao sentir os primeiros impactos culturais.

Mariana não tem shopping nem cinema. O fim de semana é na praça, no barzinho, no festival ou na roça. Quem procura um *fast-food* logo se decepciona. Mariana exige que os visitantes se adaptem a ela. Ir para essa cidade não significa apenas mudar de endereço, como alguém que muda o *status* nas redes sociais. É preciso mudar de vida quando se muda para Mariana. Conhecer o tempo do lugar, as pessoas, os horários, as montanhas, os detalhes e as questões que envolvem o cotidiano dessa cidade.

Mas será que não é assim quando nos mudamos para qualquer outro lugar? Será que não precisamos nos adaptar independente de para onde vamos? Por que dar esse destaque à Mariana? Por que escolher Mariana?

Porque cada história tem suas singularidades. A minha história me trouxe até aqui e, embora isso não exclua as histórias de outras cidades por onde passei, falar de Mariana é falar do presente, do que vivo agora, do lugar onde estou, toco, olho e escrevo. Eu poderia contar a

história de uma cidade histórica do Maranhão, poderia continuar buscando a cidade de onde vim, mas seria um olhar de quem está longe, e que não é mais a minha realidade, um olhar externo e distante.

Durante o curso, compreendi que o jornalismo precisa cumprir seu papel onde quer que esteja. Não posso lamentar por não estar cobrindo a guerra entre Israel e a Palestina ou as manifestações de junho nas grandes capitais. É daqui, deste lugar onde moro há mais de 5 anos, que devo iniciar esta nova fase profissional. A partir de um projeto que possa ver e atender esta cidade que se tornou tão importante para mim. Ciente dessa relação, sinto-me não apenas com a vontade, mas com a obrigação e com o dever de retribuir à Mariana o meu trabalho. Mas como fazer isso?

Ao compreender o que significava produzir uma monografia, me deparei com tantas outras que já estavam empoeiradas nas prateleiras das bibliotecas universitárias. Neste caso, vi na possibilidade de criar um produto, seja ele, um curta, um website, uma exposição ou um livro. E, assim, a oportunidade de este processo gerar informação e questionamentos sobre o mundo e a sociedade para além dos “muros” acadêmicos. Por mais difícil que seja, devido ao alto índice (11,8 milhões) de analfabetos no país e mesmo diante do avanço e da tecnologia digital, que também não abrange a todos e todas. O livro físico ainda cumpre o seu papel, de uma forma simples e prática, ele é vendido, dado, divulgado e está incluso no mercado. Por isso, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo produzir um livro.

Produto este, onde posso recorrer ao jornalismo para contar diversas histórias, mas agora, olhei para dentro de mim. E além da cidade onde estou e guardo com carinho, me vi mulher e em mim tantas outras mulheres que me apoiaram neste longo caminho. Elas que ainda são tão pouco reconhecidas e apoiadas. Em um mundo de tantos homens denominados grandes profissionais, descobridores e donos de si, eu sempre as vi lá, fazendo e construindo as suas próprias histórias.

E, entre tantas opções, escolhi ouvi-las e saber como elas se situam e experimentam esse lugar. Escolha essa que envolve narrativas particulares, palavras específicas. De repente, termos como “empoderamento”, tão presente nos estudos de gênero, transforma o nosso modo condicionado a pensar e falar tanto neles para olhar para elas. De alguma maneira, passamos a nos questionar e o entendimento chega. Talvez não o conceito, mas a ideia, alguma inquietação. Essa mesma que me fez optar por ouvir as mulheres de Mariana.

Dito isso, compreendo que precisamos ir aos poucos, ver e olhar em volta, antes de correr atrás da notícia. Como gostaria que tivessem visto e olhado mais para Mariana antes

que parte dela estivesse debaixo de lama, quem sabe, assim, tivéssemos ouvido as(os) moradoras(es) de Bento Rodrigues.

Nós, jornalistas, não podemos nos esquecer desta missão. Levar a informação para quem precisa e não apenas falar mais do mesmo entre nós, e para quem já sabe muito. E fazer isso inclui pensar no formato que leva o texto.

No entanto, retroceder 12 anos com o corte de 44% dos investimentos destinados ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Comunicações não contribui para que os resultados das pesquisas possam chegar à população e modificar a realidade dos objetos estudados. Ainda assim, seguimos resistindo.

## **2. O PRODUTO**

Refletindo sobre este trabalho, compreendo a necessidade de elaborar um produto que seja, ao mesmo tempo, acessível para o cidadão comum e satisfatório para a academia. Um produto que possa ser lembrado e que ocupe um espaço na memória das pessoas, dialogando com os marianenses – não somente com aqueles que já estão em um lugar de prestígio nas colunas sociais dos jornais locais, mas, especialmente, os que vivem em Mariana (e não apenas moram). Algumas dessas pessoas não conseguem se imaginar em outro lugar. A ideia é que elas se reconheçam e se sintam representadas, como eu me reconheci e passei a me identificar com a cidade e com as pessoas que moram nela. Esse produto tem por objetivo ampliar os enquadramentos oferecidos pelo jornalismo ao público.

Analiso as possíveis opções de produção, sem deixar de notar a ponte histórica que o tema escolhido traz, questionando a estrutura do passado histórico da cidade e como os personagens do presente cabem nesse local. Ao começar a dar forma ao tema, tento imaginá-lo dentro de um documentário, de um website, de uma exposição fotográfica, mas me lembro da primeira aula da disciplina de Introdução ao Jornalismo, onde aprendi que a nossa missão, como jornalistas, é escutar e levar a voz de quem nem sempre é ouvido.

### **2.1 MARIANA E SEUS ESPAÇOS**

Nunca me esqueço dessa lição porque sempre reparei e me identifiquei muito mais com quem estava fora da sala de aula do que com quem estava dentro. Varrendo o chão, vendendo as verduras, buscando as crianças na escola, quem estava “vendendo a noite para ganhar o dia”. Até pouco tempo, eu estava lá fora, junto com as pessoas que não se imaginavam na universidade. Não tiveram tempo, informação, não quiseram, não tiveram oportunidade de estar nesse espaço “público”. E do meu lugar de aluna e futura repórter, sinto a necessidade e a obrigação de transmitir essas histórias. Como observa Lage (2008), “o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser o ouvido e olho remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como a de agente inteligente” (p. 23).

Como futura repórter, compreendo a função do meu trabalho e a necessidade de estar onde os demais, iguais a mim, não puderam estar, e representá-los(as), a fim de diminuir a distância ainda presente entre a cidade e a universidade. Um exemplo comum desse distanciamento ocorre quando algum visitante pergunta onde fica o ICSA e muitos marianenses não sabem sequer informar que ele está no antigo prédio do Padre Avelar, onde funcionava a escola que acabou ocupada pela universidade.

Alguns jovens marianenses me perguntam se eu pago para estudar nessa universidade. Tão perto e tão longe, acredito que Mariana, assim como a sociedade, tenha portais invisíveis, que distanciam as pessoas. Pessoas essas as quais quero muito ouvir. As reclamações, as indignações, as felicidades, as orações, cada palavra.

## **2.2 MARIANA E AS PESSOAS**

Mariana é o lugar que quero abordar. E as pessoas de Mariana, os personagens. A missão, para mim, é produzir um produto que una o lugar às histórias desses sujeitos. Foi assim que escolhi escrever um livro e, através da escrita, preservar a memória da cidade em um produto que fosse físico, permitindo abrir as páginas desse livro, folhear e encontrar seu nome ou um personagem conhecido ou, ainda, o lugar onde se mora. Um produto que não precisasse de outro produto para ser acessado. Um produto que pudesse ser tanto para os profissionais e pesquisadores, como para as pessoas mais simples, no escritório, na sala, na estante, na gaveta, no baú de memórias e na mala de quem não mora lá.

Tenho visto e compreendido como os novos profissionais, professores e pesquisadores têm buscado romper com os limites de estudos e criado novas pontes, trazendo questões sobre

as culturas, a diversidade e sobre a própria comunidade. Por isso, entendo que este trabalho é apenas um pedaço desse caminho entre a rua e a universidade.

O livro *Cirurgia em Campo Aberto*, do jornalista Aureliano Biancarelli (2001), foi uma grande inspiração para começar a pensar como deveria ser desenvolvido este produto, e a partir de qual narrativa. Impressionou pela humanidade com a qual aborda os relatos e as questões sobre a saúde na cidade de São Paulo. No livro, o autor retrata o setor público de saúde na cidade sem recorrer apenas a dados técnicos ou a pesquisas da área. Prefere priorizar as filas imensas e os relatos dos entrevistados. Traz, antes, o olhar de seus personagens, o lugar de onde falam, a maneira como enfrentam situações difíceis e os problemas quando precisam recorrer à saúde pública.

Biancarelli também é cuidadoso em relação a outro aspecto: ele leva o leitor a conhecer cada personagem presente em sua narrativa – e que parece ter sido escolhida a dedo. Dessa forma, evita lacunas na história que escolheu contar. Porque são pessoas reais, histórias reais, e cada informação coletada faz diferença na trajetória da personagem e também na relação entre essa personagem e o leitor. É esse o caminho que decidi seguir para escrever sobre a relação entre a cidade Mariana e as pessoas que transitam por ela.

### **2.3 MARIANA E O ROMPIMENTO DA BARRAGEM**

Hoje em dia, falar de Mariana significa falar do rompimento da Barragem de Fundão, que devastou Bento Rodrigues. Uma tragédia que ocorreu em 2015, quando Bento Rodrigues, subdistrito de Santa Rita Durão e distrito de Mariana, foi devastado pela lama e pelo minério. O rompimento da barragem foi provocado pelas empresas Samarco, Vale e BHP Billiton. Esse acontecimento foi e ainda é uma notícia triste, que se alastrou e invadiu a vida da cidade, assim como a lama fez e continua a fazer.

Embora não seja o foco deste trabalho, acredito que a tragédia e a exploração da cidade pelas mineradoras fazem parte, hoje, do modo de ser da cidade – assim como ocorre com o turismo, tão explorado pelo mercado. Procurei estar atenta e não me embasar somente naquilo que há de negativo, como o desastre, nem só no que há de positivo, e que já é explorado pelo turismo. Mas não é fácil. Uma rápida busca por imagens, no site de pesquisa do Google, é o bastante para descobrir que o município está para sempre ligado às imagens de Bento Rodrigues coberto por lama: pessoas, animais, casas, igrejas – todos cobertos. Então talvez sejam essas as imagens que passam pela cabeça das pessoas que não conhecem Mariana quando alguém menciona a cidade. Quando alguém diz: “Eu moro em Mariana” ou

“Eu sou de Mariana”, logo é preciso explicar que o desastre ocorreu a 35 quilômetros do centro histórico – mas que poderia mesmo ter atingido e acabado com o município.

Não quero, com isso, de forma alguma, dizer que a tragédia deve ser esquecida. Apenas acredito que este trabalho não deve se ater, especificamente, à tragédia, aos números e informações sobre o rompimento e seus efeitos. Em função da lama, são muitos os dados sobre os mortos e feridos. Mas tenho a urgência de falar dos vivos, das pessoas que vivem aqui.

### **3. A ESCOLHA DAS PERSONAGENS**

#### **3.1. AS QUESTÕES DE RAÇA E GÊNERO**

Apesar de Mariana ser uma cidade pequena em relação a capital Belo Horizonte de que abriga mais de 2,3 milhões de habitantes, segundo o censo de 2010. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou no município marianense, em 2010, 54.219 habitantes – a maioria composta por mulheres, que representam 51% da população. Os homens representam 49%. Mas esse projeto não se justifica por números, é preciso refletir sobre o que eles representam na construção da primeira capital de Minas Gerais.

Há 320 anos, começou aqui a história de Mariana, um lugar que certamente contribuiu para o crescimento do Brasil – antes mesmo da existência de uma República, de uma Constituição, de crises políticas e econômicas. As esquinas de Mariana e da região dos Inconfidentes, entre outras terras do Brasil, vivenciaram a realidade do comércio de ouro e, paralelamente, deram lugar a aprendizados sobre o outro, sobre questões culturais, de raça e gênero. Pode até parecer um exagero ir tão longe na história para saber quem eu deveria ouvir e entrevistar para produzir este produto. Mas, se esse é um trabalho de conclusão de curso, convido o (a) leitor (a) a voltar e fazer comigo o caminho que nos trouxe até aqui, sem esquecer de considerar os que não nos trouxeram.

Conforme observa Renato Ortiz no livro *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* (2012), a construção dessa cultura, dessa identidade, dos valores e preconceitos brasileiros, começa na perspectiva dos colonizadores europeus sobre os índios e os negros. “A ‘superioridade’ da civilização europeia torna-se, assim, decorrente das leis naturais que orientam a história dos povos” (ORTIZ, 2012, p. 15). Segundo o antropólogo, os intelectuais da nossa história, como Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Euclides da Cunha, para realizar suas obras, chegaram a recorrer a estudos “científicos” e pesquisas que comprovavam a



inferioridade das outras duas raças em relação aos europeus. Da relação entre esses três sujeitos, começamos a enxergar a estrutura do “distanciar-se”, a partir da ideia de superioridade de um sobre o outro – como fizeram os brancos, ao acreditarem que negros e índios eram raças capazes de atrasar o processo de construção da civilização. Outra teoria chegava a dizer que, em trinta anos, os negros seriam extintos, pois a raça não resistiria.

O agravante é que, entre as questões referente às raças, há também a questão de gênero, marcada por um processo mais lento de pesquisas. As ideias, nesse campo, eram ainda mais retrógradas num passado recente – até porque pensar na origem não remeteu os estudiosos à figura da mulher. As três raças também se referiam às mulheres – sejam elas brancas, índias ou negras – como o outro inferior. Mas elas estavam aqui, e o que pensavam? Como viviam? Qual é a participação delas nessa história? Procuo e só vejo lacunas.

Ao buscar os livros para saber mais sobre a história de Mariana, encontrei homens nobres, coronéis, fazendeiros, escravos, e fiquei a refletir se apenas os homens definiam a construção e o cotidiano de Mariana. Cada vez mais contrariada com a ausência das mulheres, percebi que esse era o desafio. Pensei: que voz poderia falar melhor dos diferentes aspectos da cidade? Principalmente em uma região histórica, tradicional, onde o homem, como posto pela regra social, costuma ter mais voz que a mulher, além de se fazer o personagem principal. Alguma coisa precisava ser quebrada dentro dos protocolos impostos e das ordens sociais, estejam elas nos livros, nos arquivos, nas tradições ou nos documentos históricos que Mariana preserva.

Nesses lugares onde o gênero masculino é quem marca a história – como o senhor da casa, o fazendeiro, o político, o alferes do corpo militar, o comerciante, o maçom, o padre, o bispo, o arquiteto, o artista, o empresário, o engenheiro... –, o artigo “o” que prevalece busca impor a superioridade do gênero masculino. Confirma a presença do homem que é dono, que manda e desmanda. Eles sempre estiveram em destaque. Refletir sobre este produto, sobre as análises que ele me exigiria, eliminou minhas dúvidas: era preciso buscar essa voz feminina, que também esteve e está presente em Mariana.

### **3.2.MARIANA MULHER**

Nos registros da História, quando não silenciada, a mulher era abordada de forma romantizada. Como a origem do nome que hoje identifica o município: “Em 1745, por ordem do rei lusitano D. João V, a região foi elevada à cidade e nomeada Mariana – uma

homenagem à rainha Maria Ana D'Áustria, sua esposa" (CÂMARA MUNICIPAL DE MARIANA, 2017).

Esse fato só faz confirmar a desigualdade de direitos que afeta a história das mulheres em Mariana e no mundo. As mulheres somente ocupavam o lugar de senhora do esposo ou da figura pura no campo da religião (as freiras e santas, por isso, nobres). Vem desse aspecto a minha certeza sobre a importância política de priorizar e escutar as mulheres neste projeto. Além disso, é preciso considerar o meu lugar de fala, do qual não pretendo me abster exatamente em função da minha trajetória de vida e de meu processo de formação, que nunca me deixam esquecer de quem sou. Antes de universitária e futura jornalista, sou negra e mulher. E, como mulher que sou, estou incluída nesse segmento social que luta pelos direitos de igualdade de raça, gênero e classe.

De alguma forma, desejo que este trabalho contribua para a construção de um novo caminho. Assim como um ponto no meio de uma colcha de retalhos, ainda que possa parecer uma ação pequena, decidi entrevistar mulheres que são donas das suas histórias e constroem a cidade de Mariana. Elas, que chegaram aqui ao lado dos homens de Portugal. Elas, que já estavam e estão aqui lutando pelo seu território ao lado dos índios. Elas, que não estavam aqui, não nasceram aqui, mas foram arrancadas do seu continente e trazidas à força para dar o sangue e a vida pela construção desta cidade.

Este projeto é por elas, e por outras tantas mulheres marianenses, que tiveram suas antecessoras apagadas dos livros e da memória de certos lugares.

#### **4. PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA**

Pensar o plano de trabalho é pensar em prazos e equilibrá-los aos métodos e técnicas que devem ser utilizados na produção para focar o melhor modo de desenvolver esse processo e aproximá-lo do objetivo final – ou até ultrapassar esse objetivo, atendendo a outras demandas inicialmente não previstas. Após uma revisão da proposta inicial, pude refletir sobre o recorte do tema, o produto desejado e os critérios para a escolha das personagens. O próximo passo era buscar as personagens. Quem seriam as mulheres a serem entrevistadas?

Outro desafio. Essa etapa exigiu pesquisas exploratórias, pois era preciso investigar a história de cada mulher abordada nesse processo de busca. Nas primeiras entrevistas, percebi que eram necessárias no mínimo quatro horas de conversa para obter uma percepção mais sólida sobre o que cada personagem trazia de interessante. Não fiz muitas perguntas, mas eram perguntas introdutórias, que tinham, por objetivo, deixar as entrevistadas à vontade. E

era preciso utilizar algumas estratégias, como sair ao menos por alguns minutos do modo formal, fazer surgir o riso, às vezes, a gargalhada – mas também os silêncios. Outro aspecto que me preocupava: por mais longa que fosse a conversa, era a impressão de que quatro horas de entrevista não dariam conta da história de vida dessas mulheres em Mariana.

#### **4.1 A BUSCA PELAS PERSONAGENS**

Era preciso seguir. Havia definido, a princípio, cinco personagens (algumas por sugestão de pessoas com as quais compartilhei minhas preocupações, outras, eu já conhecia). O número parecia suficiente para trabalhar um eixo que, para mim, é importante: as diferentes maneiras como a cidade se revelava aos olhos das mulheres, cada uma com sua história. Defini, então, alguns critérios para a escolha dessas personagens. São eles: morar em Mariana, ser mulher (ou se identificar como mulher) e ter uma relação com a cidade. Dentro desses critérios, busquei conversar com algumas fontes que pudessem indicar personagens.

É importante destacar, neste ponto, que a maioria dos contatos a quem recorri me apresentou, primeiro, nomes de homens. Não raras vezes eu logo precisava explicar e enfatizar que um critério fundamental para o trabalho é que as personagens fossem do gênero feminino. E um silêncio pairava no ar sempre que eu pedia uma indicação acerca de alguma mulher que eu pudesse ouvir e relatar a sua história em Mariana. No entanto, há um nome frequentemente lembrado: o de Hebe Rôla, presidente da Casa de Cultura de Mariana, conhecida por toda a cidade.

Dona Hebe, como é chamada em Mariana, felizmente conseguiu se destacar entre tantos homens – e já foi bastante ouvida, entrevistada, gravada, fotografada e condecorada na região. Embora minha intenção fosse priorizar as mulheres ainda não ouvidas, respeito a importância de Dona Hebe e, por isso, busquei conversar com ela sobre este trabalho. Ela concordou e se disponibilizou para indicar alguns personagens que, na concepção dela, eram importantes para um livro como este. Após a conversa com dona Hebe, entre muitas outras, consegui fechar uma lista de nomes. Faltava encontrar-me com essas personagens, me apresentar, explicar quais eram as minhas intenções, falar do projeto e convencê-las a me conceder um pouco do tempo que elas pudessem ter em meio a um cotidiano atribulado, na maioria dos casos. Ao final desse percurso, consegui, na verdade, três (preciosas) personagens.

O trabalho de ir atrás dessas mulheres me mostrou como é difícil encontrar uma mulher que não esteja muito ocupada, em geral preocupada e cheia de tarefas a cumprir.

Algumas foram especialmente gentis, tentando me encaixar em suas agendas. Mas elas não param nem um minuto. Parece que o mundo sempre precisa delas e cobra a sua atenção, sem cerimônias. Em algum momento, todas elas pararam para me pedir desculpas e, em seguida, checar o chamado de um sobrinho, filho, neta, aluna, vizinha ou o animal de estimação. Elas tentavam estar ali, comigo, mas o mundo as chamava sempre.

De minha parte, estava sempre ouvindo os relatos e pensamentos com atenção, aproveitando aquele momento tão precioso, observando cada palavra – e até aquelas que não eram ditas.

## **4.2 AS ENTREVISTADAS**

A primeira entrevistada é Célia Maria Fernandes Nunes – ela que não nasceu em Mariana, mas se tornou marianense “com honra”. Chegou à cidade há 26 anos. Formada em Pedagogia, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação de Mariana, treinou professores e sonhou em trazer o curso de Pedagogia para a região. Somente depois desse percurso ela ingressou na Universidade Federal de Ouro Preto, onde chegou a ser vice-reitora. Para a maioria dos alunos da UFOP, ela se chama Celinha. Na universidade, continua atuando como professora do Departamento de Educação, onde leciona no curso de Pedagogia, em Mariana.

A segunda entrevistada se chama Marciele Aparecida Procópio Delduque. Ouvei o nome dela por mais de uma vez. As pessoas diziam que eu precisava conhecê-la para entender a diferença que essa personagem fazia no bairro Cabanas. Fui atrás dela, que me fez conhecer não apenas a sua própria história, mas também a do bairro em que mora e do qual tanto fala. Foi uma longa entrevista sobre a “menina do Cabanas”, a presidente estadual da Central Única das Favelas (CUFA) de Minas Gerais.

A terceira e última entrevistada é a Juracy de Oliveira, a dona Cici. Praticamente fui convocada a procurá-la, ordem de senhoras que encontrei na casa da dona Maria. Essas senhoras se preparavam para rezar a novena, um costume tradicional em Mariana, que ainda se perpetua entre as novas e antigas gerações. Assim que apresentei minha ideia, elas adiaram a novena e começaram a rezar para que eu conhecesse dona Cici. Dona Cici, que era a mais velha entre as senhoras do grupo de novena, tinha uma vitalidade como a das colegas. Carregava muitas histórias – histórias de alguém que chegou à Mariana nove décadas passadas.

Curioso é que essas são as personagens que se propuseram a estar presentes no livro. Entretanto, também entrevistei outras mulheres: a Karen, a Neuza Zuzu, a dona Dica, a dona

Maria do bairro Chácara, e até mesmo a dona Hebe, que sempre tinha muitas histórias para me contar sobre a cidade. Mas foi preciso olhar bem nos olhos de cada uma, deixa-las escolher o que queriam me contar. São mulheres maravilhosas, mas nem todas puderam ou tiveram tempo suficiente para me contar tudo. Algumas precisavam pensar e repensar antes de falar. Havia, em algumas situações, uma timidez mineira misturada à desconfiança, como se pensassem: “onde isso vai dar?”. E há de se compreender. Ainda que eu me apresentasse como aluna do curso de Jornalismo, empenhada em desenvolver um trabalho de faculdade, talvez passasse a imagem de uma menina ainda nova demais – e muito perguntadora.

### 4.3 A TÉCNICA

Quando percebi o ruído entre a minha imagem e as expectativas de algumas entrevistadas – ainda que eu tentasse desenvolver uma aproximação –, ficou claro, para mim, o quanto algumas práticas não requerem apenas a técnica (como perguntar ou como se portar). Abordar alguém requer tempo: tempo para o café, uma visita amistosa, para mostrar quem era “aquela menina que pergunta”, de forma que aquilo não parecesse apenas uma entrevista com fins profissionais, mas, sim, uma esperada conversa. No entanto, me perguntei o que eu estava fazendo, era uma entrevista ou uma conversa? E, nesse momento, conseguir captar a importância de referência bibliográfica para encurtar os caminhos das perguntas que já foram feitas anteriormente, e chegar às respostas. Mas, afinal, qual o significado da palavra entrevista?

Aqui, a referência bibliográfica que me guiou como um manual jornalista e trouxe de forma concisa e esclarecedora o significado de cada processo o livro *Sobre entrevistas, teoria, prática e experiências* (2006), de Stela Guedes Caputo. Para responder a minha pergunta, ela reuniu as principais definições com as quais concorda. Stela Caputo cita que, para Cremilda de Araújo Medina (2002), resumidamente, a entrevista é uma técnica de interação social, cujo o fim é o inter-relacionamento humano. Já para Nilson Lage (2003), a entrevista é uma técnica de apuração e reconstituição dos fatos. Mas para a própria Stela Caputo, entrevistar é um verbo transitório em seu significado e, assim, não terá uma resposta única.

Porém o ato de entrevistar, o qual eu tento localizar na construção deste trabalho, me parece se aproximar mais da definição do jornalista Muniz Sodré, também citado no livro escrito e organizado por Caputo.

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa — seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria

vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ, 1986, p. 126).

Dentro dessa última definição, apresentada por Stela Caputo, absorvo a questão do enfoque na pessoa entrevistada, que, neste produto, dará luz ao sujeito e também ao que elas representam em meio ao lugar. Mas me encontro mais ainda na escolha do comportamento, no qual eu opto por compartilhar o que estas mulheres decidiram me contar das suas histórias em um determinado momento, e transformar essa experiência em um livro, que dará continuidade a essa e outras conversas sobre mulher, Mariana e histórias sem fim. Recordando aquela tarde ou aquela manhã, de quando fui ao encontro de cada entrevistada.

Aos poucos, comecei a acalmar as tantas questões que pareciam me cercar a todo tempo, antes mesmo que eu pudesse começar a escrever o produto. No entanto, as páginas do livro de Stela Caputo me lembraram que, apesar de todas as teorias, não há uma fórmula de escrever corretamente, não há uma só entrevista que não dê um frio na barriga ou um nó na garganta. Penso que as fontes tendem a nos trazer ainda mais perguntas do que respostas e, por isso, também não há tela em branco que não nos amedronte, ainda que sejamos profissionais. Esses são apenas sintomas naturais do começo do trabalho e de estar no caminho certo para encontrar o meu próprio fio de Ariadne.

Olhando a tela em branco de nossos micros, podemos nos sentir, alunos e profissionais (por mais experientes), diante de um complicado labirinto. Pior, o texto, em geral, vira um monstro pavoroso que ameaça nos devorar. Muitas vezes sabemos como começar e terminar, mas o meio é um tormento. Por outras, temos o meio na cabeça, mas falta um bom “gancho” para iniciar e um bom final para concluir. Para penetrar no labirinto de nosso texto e encontrar a saída precisamos do precioso fio de Ariadne. Acredito que todo profissional que trabalha com a escrita tenha seu próprio fio de Ariadne. O meu tem sido a pergunta: “Por que estou escrevendo isto?” (GUEDES, 2006, p.18 e 19).

Assim, mais do que buscar métodos e adiar ao máximo o começo, por nunca me sentir plenamente preparada, era preciso apenas começar a sair do pensamento para vivenciar a experiência e, finalmente, escrever as ideias no papel. Perguntei a mim mesma, infinitas vezes, por que eu estava escrevendo isto? Por que, entre tantas ideias, esta e não outra?

Essas reflexões nos encaminham para a minha escolha de narrativa jornalística, na qual eu não me anulo ou me distancio das personagens, pelo contrário, me apresento e me identifico para a(o) leitora(or). Porque, apesar dos medos, aprendi, na graduação, que escrever e publicar é um ato de coragem que nos torna jornalistas.

Tomei coragem e busquei compreender os diversos lados envolvidos em cada história contada. Quem eram as minhas personagens? O que significava a escolha do gênero feminino como eixo deste produto, relacionado ao contexto histórico, à identidade e à origem de cada pessoa? Para conhecer melhor o contexto das entrevistadas e a sociedade à qual pertenciam, recorri a Renato Ortiz. Consultei a obra *Cultura brasileira e identidade nacional* (2012), mas também outras obras que pudessem me mostrar a perspectiva da mulher na condição de mãe, em sua relação com a sexualidade e com seu corpo. Não sabia se, nas páginas deste produto, seria possível abranger tantas perspectivas diferentes sobre estas mulheres, mas considerei importante estar preparada e ter diversas referências que me apoiassem para entender o que elas me diziam e relacionar com os fatores externos. Uma dessas referências me fez refletir sobre o valor e a quantidade de identidades que são atribuídas a cada pessoa assim que nasce.

Quem somos? Quando nascemos, nos identificamos com um gênero, uma cor, uma família, um sobrenome, uma nacionalidade... Mas o que realmente diz quem você é? Com o que você se identifica, em qual lugar você se reconhece? Percebi que podemos carregar um papel de registro com informações básicas sobre quem somos no mundo, mas entendo que, se esse pedaço de papel verde e plastificado resumisse a nossa história na condição de cidadãs, pessoa e ser nesta terra, não haveria necessidade da produção deste livro. Se tirássemos cópias do registro de algumas mulheres marianenses, se reuníssemos dados sobre quem são os pais, a data e o local de nascimento delas, teríamos gráficos de todas as formas, cores e tamanhos. E, ainda assim, você não conheceria a Celinha ou a dona Cici. Porque essas personagens não somente nasceram em Mariana, cresceram e fizeram suas vidas aqui e, ao entrevistá-las, consegui atinar para o fator que realmente as define como marianenses: somente elas mesmas.

Da mesma forma, descobri que escrever e publicar sobre ser mulher em Mariana diz muito também sobre mim, como parte dessa escolha. Do meu carinho, da minha afeição, das minhas dificuldades e história com esta cidade. Os meus pensamentos e reflexões me trazem até este produto, até este trabalho. Contudo, não posso esquecer que, para revelar todos esses sentimentos, alcançar certa lucidez e não me perder entre o processo e o objetivo final, foi de suma importância o trabalho de outras mulheres – essenciais e inspiradoras para a minha escrita, como este trecho de apresentação, na dissertação de Adriana Perassi Bosco (2009): “Entre a essência e a construção: experiências cotidianas do feminino a partir da produção fotográfica de jovens mulheres paulistanas”. Ao dizer sobre o próprio trabalho, Bosco revela uma paixão com a qual me identifico:

Este trabalho resulta de um casamento entre duas questões que para mim são apaixonantes: a problematização do lugar das mulheres em nossa sociedade – problematização do meu próprio lugar como sujeito e habitante de um corpo gendrado – e a presença da imagem, especialmente a imagem fotográfica e fílmica, com sua característica importante de aparente imitação da realidade, em nossa subjetivação neste momento histórico.

O que é o “feminismo”? O que é uma mulher? Quem são as mulheres e como se tornam quem são?” (BOSCO, 2009, p.10)

“Apaixonante” é, a meu ver, um ótimo adjetivo para as questões sobre as quais quero falar – questões que, com o passar do tempo, parecem não provocar apenas angústias, mas também a força para continuar. Isso está diretamente relacionado aos lugares que ocupamos e por onde transitamos. Como é ser mulher em Mariana? Penso no dia a dia da mulher que vive em cidades do interior dos estados – inclusive nos lugares onde tudo parece tão longe que não chega a microfibra da internet. Imagino que, como colcha de retalhos, são histórias dos lugares diversos que compõem um todo.

Outro artigo que contribuiu com a proposta deste trabalho diz respeito às longas conversas que tive com essas mulheres. Falo do trabalho *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais* (2005), das autoras Valdete Boni e Sílvia Quaresma. Elas esclarecem como a entrevista pode ser uma ferramenta eficiente para a coleta de dados subjetivos – algo importante para a construção deste produto. Outro elemento importante ressaltado pelas autoras se refere à investigação científica em si, no sentido de que “o ponto de partida de uma investigação científica deve basear-se em um levantamento de dados”, o que muitas vezes torna necessária uma “pesquisa bibliográfica” (p. 70). Compreendi que entrevista também demanda pesquisas que antecedem a relação direta entre jornalista e entrevistada, na busca de informações e dados que irão qualificar a fonte dentro desse processo.

Na busca por esses dados, optei pelo processo que chamo de pré-entrevistas (diálogos para definir quais personagens se encaixariam nos critérios estabelecidos, revelando a possibilidade de conversas nas quais eu pudesse mergulhar). Nesse processo, foi preciso não apenas ouvir, mas escutar com todos os sentidos do corpo. Escutar com o olhar, com o sorriso, com o balançar da cabeça, com os lábios apreensivos pela próxima palavra, escutar com o coração aberto. É nesse momento que coloco em prática todos esses anos de aprendizado na graduação – é quando tento aplicar as técnicas a partir das leituras que fiz. Uma dessas leituras é a obra de Agnes Francine de Carvalho Mariano (2011): *“Eliane Brum e Arte da Escuta”*. Nela, a autora entrevista a jornalista Eliane Brum e extrai os detalhes da experiência da profissional para poder alcançar o melhor da entrevista. É quando se fala em



equilibrar os imprevistos da realidade, esses que não nos deixam esquecer que somos humanos e que não seguimos o tempo todo um roteiro. Nas palavras da autora e da entrevistada:

Eliane Brum é uma jornalista rara. Ela não se poupa, levando às últimas consequências o sentido da palavra empatia: a disposição para se colocar no lugar do outro. Indo na contramão das concepções mais superficiais da profissão, não abre mão de ir para a ----rua, pergunta pouco e ouve muito, pois acha que o seu trabalho é a escuta. Mas escutar, diz ela, é muito mais do que ouvir: “É estar aberto para se surpreender”. O que exige “se despir daquilo que tu és, dos teus preconceitos, da tua visão de mundo”. Como resultado, produz um trabalho de embasbacar, sempre transformador para os entrevistados, os leitores e para ela própria. Os seus textos não trazem só informação, revelam experiências de vida. De um jeito sutil e criativo, contam histórias de gente, compartilhando um olhar amoroso a respeito de mundos e personagens normalmente esquecidos ou silenciados. (MARIANO, 2011, p. 299)

A construção deste projeto – e o destaque para a questão de gênero que ele apresenta – é uma via de mão dupla. Senti a necessidade de me dispor a buscar a presença feminina no meu trabalho, porém somente a minha disponibilidade não foi o suficiente. É preciso aguardar e esperar que a fonte também esteja confortável para falar, para querer estar representada neste trabalho. De forma que foi necessário gerenciar agendas, prazos, melhor dia e melhor local para entrevistar.

Outra dificuldade era saber onde começava o ser humano ou a profissional. O que fazer quando a personagem me surpreende e me comove, ao mesmo tempo em que não me exime das minhas responsabilidades de escutar o que ela tem a dizer? Como manter o foco, não perder o eixo da história, ou não interromper a fala da outra para garantir que aquele detalhe importante venha à tona? Todas as vezes em que me vejo dentro dessas situações de surpresa, ou de detalhes e gestos imprevistos por parte da entrevistada, entendo o valor e a necessidade dessa técnica da entrevista. Essa que propõe e dá a oportunidade de estar tão perto da personagem.

Uma vez diante de Juraci de Oliveira, Célia Maria Fernandes Nunes e Marciele Aparecida Procópio Delduque, as três mulheres marianenses neste produto, compreendo que há uma interação em que não bastam a minha visão e o meu desejo de dar forma a essas histórias. É preciso montar um jogo de quebra-cabeças, procurar as peças que se encaixam perfeitamente – embora nem sempre “se encaixar” signifique uma satisfação plena com a imagem final.

#### 4.4 TEORIA E PRÁTICA

Como já antes observado, alguns autores e autoras foram especialmente importantes no aprendizado das técnicas utilizadas neste trabalho. Foi preciso esclarecer certos procedimentos, mas também era necessário refletir sobre os fundamentos do jornalismo a fim de ter uma base teórica sólida para chegar à prática da reportagem. A partir do texto *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* (2008), de Nilson Lage, percebi, por exemplo, que, mais do que jornalista, é importante ser repórter para lidar com os conflitos próprios dos fatos sociais. Por isso, procurei me despir de qualquer *glamour* que pudesse me distanciar das ruas e de todos os locais comuns onde eu podia estar com as personagens. Estava disponível para ouvir as reivindicações e para priorizar a fala dessas pessoas.

Outro trabalho se revelou muito importante: *Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem* (2006), de Alex Criado. Por meio dele, assimilei como trazer a fala dessas personagens, e não apenas a minha voz. Aprendi a tornar cada fala mais real, dando a elas forma, rosto, voz e história.

Foram, todas essas, leituras importantes na construção da pauta de cada entrevista, contribuindo para os diversos direcionamentos que pude dar às conversas e aos processos de captação de dados.

#### 5 PROJETO GRÁFICO

Este livro reportagem, produzido a partir do processo de entrevistas e pesquisas descritos neste memorial, foi titulado “Ela Mora em Mariana”. Busquei retratar a história de três personagens do gênero feminino, bem como suas respectivas relações com a cidade de Mariana, em Minas Gerais. Essa construção também levou em consideração certos elementos gráficos, como as cores, fontes, formas e texturas.

De forma que esse produto pudesse ter uma leitura visual sobre o conteúdo. No entanto, a pesquisa imagética me trouxe, em sua maior parte, elementos clichês que remetem à mulher, ao lugar do feminino e a cidade de Mariana. Por isso, optei por fugir desses estereótipos na construção física de projetos que abordam a história do feminino ou o lugar em questão. Para explicar melhor, quero dizer que preferi não utilizar: imagens, fotos, formas, sombras e texturas que impõem padrões a figura do corpo da mulher, já tão exposto nos produtos artísticos. Também fugi da representação da fragilidade da mulher quando tudo

parecia me induzir a escolher a cor rosa. Assim, como a pesquisa sobre os elementos que pudessem representar a cidade de Mariana também me pareceram muito fechados. Encontrei fotos do rompimento da barragem, no subdistrito de Bento Rodrigues, imagens das igrejas históricas e outras de cunho histórico e turístico. Um olhar muito genérico diante da cidade que apresento na narrativa. E a cada escolha, várias questões se abriram ainda mais sobre o que é ser mulher e os diferentes aspectos da cidade de Mariana. Quais imagens, cores e elementos gráficos poderiam representar este gênero e este lugar. Ficava ainda cada vez mais difícil refletir sobre esta questão ao lembrar o quão diversas eram as minhas personagens para resumir em uma capa.

Olhei para a questão, e vi que não podia ser respondida em rodeios ou dentro de enquadramentos que dissessem o que é ser mulher naqueles antigos clichês. Estes que dizem que ser mulher é usar rosa, ter o cabelo cumprido, a cintura fina ou a pele rosada. Dentre estes tantos padrões, compreendi que era apenas uma questão objetiva de ser, no singular e se apresentar como tal, única, e dona cada uma da sua história. E escolhi trazer na fonte Coolvetica, uma grafia em um tom lilás, sem serifa e sem detalhes a mais, apenas preservando a legibilidade para informar que “Ela mora em Mariana”. Este lugar apresentado no mapa escolhido para localizar o espaço por onde passa a narrativa do livro. Mais uma vez, por entender que as histórias destas mulheres se passam no presente, ao escolher o mapa para compor a capa, optei por trazer uma imagem digital do aplicativo *Here*. Para fugir deste retrato histórico atrelado somente ao passado. Para a capa e contracapa, optou-se pelo papel couché gramatura de 200g/m<sup>2</sup>, em cores.

Desse modo, continuamos as especificações técnicas pelas páginas internas. Seguimos na seleção de outra fonte sem serifa e próxima ao estilo da capa, Abadi, tamanho 14, utilizada nas páginas da ficha técnica, da dedicatória e sumário. Destaque para aplicação do tom lilás no título do sumário. Escolhemos a impressão no formato A5, 15 cm de largura por 21 cm de altura, em papel couchê reciclado gramatura de 150g/m<sup>2</sup>.

O texto, por sua vez, é organizado em uma única coluna por página, espaçado 1,5, com fonte Lustria, tamanho 14, para proporcionar uma leitura mais agradável. As margens superior e inferior do texto medem 2 cm, assim como as margens laterais. Para o título de cada capítulo será usada a fonte CalistoMT, tamanho 18. O nome de cada bairro, localizado abaixo do nome do capítulo, deve ser destacado em negrito e seguir a mesma fonte.

As páginas finais de cada capítulo também devem ser impressas em cor para manter a nitidez da arte da capa, que se repete nestas páginas internas e acompanha as fotos das personagens. As legendas das fotos terão fonte Times New Roman, tamanho 12.

O livro se divide em três grandes capítulos e seus respectivos intertítulos, assim organizados:

**1. Grande como os seus sonhos: Bairro Cabanas;**

**1.1. Aprender a empreender;**

**1.2. Do Cabanas para o mundo;**

**1.3. Juntas somos mais fortes;**

**2. Educar para transformar: Bairro Santana;**

**1.1. Estreitando a relação;**

**1.2. Os próximos passos;**

**3. Senhora dona da sua fé: Bairro Catete;**

**3.1. Uma oração.**

Da capa à contracapa, são, ao todo, 79 páginas. Para essa diagramação, recorre-se ao programa Word Office 2016.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após superar as adversidades, enfim, concretizo a vontade de entregar a cidade de Mariana, um produto jornalístico que transmita a gratidão que sinto por eles e elas fazerem parte da minha formação e da minha história pessoal. Através da produção deste livro, pude conhecer melhor as dificuldades que irei encontrar pelo caminho e as alegrias que a profissão me trará. Além de, compreender que cada mulher é única, mas nos encontramos em um lugar comum, somos mulheres, e independente de onde, estaremos juntas.

Ainda há muitas amarras, e por isso, levo comigo os aprendizados destas três mulheres, que me ensinaram que estamos em um eterno processo de desconstrução e reconstrução, assim como a Marciele que se refez diversas vezes. E a Celinha, que nos incentiva a aprender sempre. Sem deixar de ter esperança no melhor das pessoas, seguindo o exemplo da Dona Cici.

Desejo, com este gesto da escrita, que muitas outras mulheres possam saber das mulheres de Mariana – e se somar à luta delas, que é cotidiana e só cresce a cada nova lei, tese, livro e toda ação que diz respeito a elas. Essas mulheres de que falo aqui resistiram na educação, na religião e nos campos político e empresarial. Mas os lugares são infinitos – e elas estão em todos eles.

## REFERÊNCIAS

- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 8 ago. 2018.
- BATISTA, Carla. **Os outros do Jornalismo**. Lisboa, Portugal: Media & Jornalismo, 2003, p. 103-111.
- BIANCARELLI, Aureliano. **Cirurgia em Campo Aberto**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- BOSCO, Adriana Perassi, **Entre a essência e a construção: experiências cotidianas do feminismo a partir da produção fotográfica de jovens mulheres paulistanas**. São Paulo: Catalogação na publicação, Biblioteca Dante Moreira Leite, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.
- Câmara Municipal de Mariana. 2018. Histórico. Disponível em Câmara de Mariana: <<http://camarademariana.mg.gov.br/mariana>>. Acesso em: 13 out. 2017
- DENARDI, Dani. **7 elementos que todo projeto gráfico editorial deve ter**. Medium, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/design-editorial/7-elementos-que-todo-projeto-gr%C3%A1fico-editorial-deve-ter-834aa4d9d012>> Acesso em: jun. 2018.
- ESCALDEIRA, Bruna. 15 Livros incríveis lançados por mulheres em 2017. **AZMINA**, 12 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://azmina.com.br/colunas/15-livros-incriveis-lancados-por-mulheres-em-2017/>> Acesso em: 01 out. 2018.
- ESCOLHA a fonte ideal para o seu livro. **Bubok**, 17 de abril de 2012. Disponível em: <<https://www.bubok.pt/blog/escolha-a-fonte-ideal-para-o-seu-livro/>> Acesso em: 01 out. 2018.
- FIGES, Orlando. A nova história Svetlana Aleksievitch. **Piauí**, Ed. 122, 2016. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-nova-historia-de-svetlana-aleksievitch/>> Acesso em: 22 dez. 2017.
- GUEDES, Stela. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Panorama Mariana**. Belo Horizonte, IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/mariana/panorama/>> Acesso em: out. 2018.
- JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A Apuração da Notícia, Métodos de Investigação na Imprensa**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KOLONTAI, Alexandra. **A Nova Mulher e a Moral Sexual**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, jan. /jun. 2011, p. 299-313.
- MAROCCO, Beatriz. **O Jornalista e a Prática, Entrevistas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. **A suave ironia bilaquiana na Gazeta de Notícias**. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/169/509>> Acesso em: mai. 2018.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PREFEITURA DE MARIANA – Prefeitura comemora o dia da mulher. Disponível em: <<http://www.mariana.mg.gov.br/noticia/3241/prefeita-de-mariana-homenageia-as-mulheres>> Acesso em: jun. 2018.

TRABALHO (*filosofia*) in **Artigos de apoio Infopédia** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$trabalho-\(filosofia\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$trabalho-(filosofia)) Acesso em: mai. 2018.

TORISU, Barbara. **Alunos cotistas estão entre os dez primeiros lugares em cursos da UFOP**. Ouro Preto: UFOP, 2016. Disponível em: <<http://www.ufop.br/noticias/sisu/alunos-cotistas-estao-entre-os-10-primeiros-lugares-em-cursos-da-ufop>> Acesso em: jun. 2018.

VILAS BOAS, BRUNO. Brasil tem 11,8 milhões de analfabetos, metade está no nordeste. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/5234641/ibge-brasil-tem-118-milhoes-de-analfabetos-metade-esta-no-nordeste>> Acesso em: 18 set. 2018.

MORAES, Allan. Quer ter um livro de qualidade? Siga estes passos. **Mundo Editorial**, 28 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://revisaoparaque.com/blog/quer-ter-um-livro-de-qualidade-siga-estes-passos/>> Acesso em: 01 out. 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**DECLARAÇÃO DO(A) ORIENTADOR(A)**

Certifico que a aluna **Amanda dos Santos Francisco**, autora do trabalho de conclusão de curso intitulado "*Elas moram em Mariana – a narrativa jornalística no registro cotidiano do lugar feminino*", efetuou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

Mariana, 22 de dezembro de 2018.

---

Prof.ª Hila Rodrigues